

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

SETEMBRO DE 1860

Nº 9

Aviso

Os escritórios da Revista Espírita e o domicílio particular do Sr. Allan Kardec foram transferidos para a Rua Sainte-Anne, nº 59, passagem Sainte-Anne.

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 27 de julho de 1860 – Sessão geral

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 20 de julho.

Comunicações diversas:

1º Relatório da Srta. P... sobre o poema que o Sr. de Pory, de Marselha, enviou à Sociedade, intitulado *Linda, legenda gaulesa*. A Srta. P... analisa o assunto da obra e reconhece pensamentos de grande elevação, muito bem expressos; mas, salvo as idéias cristãs, em geral nele nada vê, ou vê pouca coisa que tenha

relação direta com o Espiritismo. O autor lhe parece mais *espiritualista* que *espírita*. Nem por isso, diz ela, sua obra é menos notável, e será lida com interesse pelos amantes da boa poesia.

2^o Carta do Sr. X... com uma análise sucinta da doutrina do Sr. Rigolot, de Saint-Etienne. Conforme tal doutrina, o mundo espírita não existe; depois da morte do corpo os Espíritos são imediatamente reunidos a Deus. Somente três Espíritos podem comunicar-se por via mediúnica: Jesus, diretor e protetor de nosso globo; Maria, sua mãe; e Sócrates. Todas as comunicações, qualquer que seja a sua natureza, emanam deles. São os únicos, diz, que a ele se manifestam, e quando lhe ditam coisas grosseiras, pensa que é para o provar.

Trava-se uma discussão a esse respeito, assim resumida:

A Sociedade é unânime em declarar que a razão se recusa a admitir possa o Espírito do bem por excelência, o modelo das mais sublimes virtudes, ditar coisas más, havendo uma espécie de profanação em supor que comunicações de torpezas revoltantes, e até obscenidades, como se vê algumas vezes, possam emanar de uma fonte tão pura. Por outro lado, admitir que todas as almas são imediatamente reunidas a Deus depois da morte, é negar o castigo do culpado, porquanto não se poderia pensar que o seio de Deus, que nos ensinam a olhar como suprema recompensa, seja, ao mesmo tempo, um foco de dor para aquele que viveu mal. Se nessa fusão divina o Espírito perde a individualidade, trata-se de uma variedade do panteísmo. Num e noutro caso, conforme essa doutrina, o culpado não tem nenhum motivo para deter-se no caminho do mal, sendo supérfluos os esforços para praticar o bem. É, pelo menos, o que ressalta dos princípios gerais que parecem formar a sua base.

A Sociedade não conhece bem o sistema do Sr. Rigolot para o julgar em seus detalhes; ignora como ele explica uma porção

de fatos *patentes*: o das aparições, por exemplo; aqueles em que o Espírito de um parente evocado prova *materialmente* sua identidade. Seria Jesus, então, que simularia tais personagens; seria ainda quem, no fenômeno dos Espíritos batedores, viria bater o tambor ou as árias ritmadas; depois de ter representado o odioso papel de tentador, viria servir de divertimento? Há incompatibilidade moral entre o trivial e o sublime, entre o bem absoluto e o mal absoluto.

O Sr. Rigolot sempre se manteve isolado dos outros espíritas, o que é um erro. Para bem conhecer uma coisa é preciso ver tudo, aprofundar tudo, comparar todas as opiniões, ouvir os prós e os contras, escutar todas as objeções e, finalmente, só aceitar o que a lógica mais severa pode admitir. É o que incessantemente recomendam os Espíritos que nos dirigem, e é por isso que a Sociedade tomou o nome de *Sociedade de Estudos*, nome que implica a idéia de exame e de pesquisas. É lícito pensar que o Sr. Rigolot, caso tivesse seguido este passo, teria reconhecido em sua teoria pontos em notória contradição com os fatos. Seu afastamento dos outros espíritas não lhe permite ver senão comunicações de uma só natureza e naturalmente o impede de enxergar o que poderia esclarecê-lo sobre sua insuficiência para resolver todas as questões. É o que se constata na maior parte dos médiuns que se isolam, os quais se encontram na condição daqueles que, ouvindo apenas um sino, não ouvem senão um som.

Tal é a impressão que a Sociedade experimenta a respeito dessa doutrina, que lhe parece impotente para explicar a razão de todos os fatos.

3º Menção a uma carta do Dr. Morhéry, com novos detalhes sobre a Srta. Godu e a continuação de suas observações sobre as curas obtidas; e a uma outra do Dr. de Grand-Boulogne, sobre o papel dos Espíritos batedores. Tendo em vista sua extensão, a leitura foi adiada para a próxima sessão.

4º O Sr. Allan Kardec relata um fato interessante ocorrido em sua casa, numa sessão particular. Nessa sessão estava presente o Sr. Rabache, excelente médium, pelo qual Adam Smith se havia espontaneamente comunicado num café de Londres. Tendo sido evocado através de outro médium – a Sra. Costel – Adam Smith respondeu simultaneamente, em francês, por essa senhora, e em inglês pelo Sr. Rabache; várias respostas eram de uma identidade perfeita e até mesmo a tradução *literal* uma da outra.

Relato de várias manifestações físicas ocorridas com o Sr. B..., presente à sessão. Entre outros fatos, o do transporte de uma rolha atirada num quarto, e o de um frasco de água fluidificada, que tinha tão forte odor de almíscar que impregnou todo o apartamento.

Estudos: 1ª Evocação do muçulmano *Seid-ben-Moloka*, falecido em Tunis com 110 anos, cuja vida foi marcada por atos de beneficência e generosidade. Suas respostas revelam um Espírito elevado, embora, durante a vida, não estivesse isento dos preconceitos de seita.

Dois ditados espontâneos são obtidos, o primeiro pelo Sr. Didier Filho, sobre a *consciência*, assinado por Lamennais; o segundo pela Sra. Lub..., sobre conselhos diversos, assinado por Paul.

Sexta-feira, 3 de agosto de 1860 – Sessão particular

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 27 de julho.

Leitura de uma carta do Sr. Darcol, através da qual propõe à Sociedade fazer uma subscrição para os cristãos da Síria. Fundamenta a proposta nos princípios de humanidade, de caridade

e de tolerância, que são a própria essência do Espiritismo e devem guiar a Sociedade.

Examinando a proposta e fazendo justiça às boas intenções do Sr. D..., a comissão pensa que a Sociedade deve abster-se de qualquer manifestação estranha ao objetivo de seus estudos e que deve deixar cada membro livre para agir individualmente.

A Sociedade não enxerga nessa atitude nada que possa ser visto com maus olhos; muito ao contrário. Mas, considerando-se a ausência da maior parte dos sócios, em razão da temporada, adia o exame da proposta para a volta.

Por sugestão do comitê, a Sociedade resolve tirar férias no mês de setembro.

Comunicações diversas:

1º Carta do Dr. Morhéry.

2º Carta do Sr. Indermuhle, membro da Sociedade, falando da boa aceitação das idéias espíritas, encontrada entre gente da classe rural. A propósito, cita um opúsculo alemão, intitulado *Die Ewigkeit kein geheimniss mehr* (Não há mais segredos sobre a eternidade) e que se propõe enviar à Sociedade.

3º Carta do Dr. de Grand-Boulogne sobre as manifestações físicas como meio de convicção. Pensa ele que seria erro considerar todos os Espíritos batedores como pertencendo a uma ordem inferior, já que ele mesmo obteve, através de batidas, comunicações de ordem bastante elevada.

O Sr. Allan Kardec responde que a tiptologia é um meio de comunicação como qualquer outro, do qual podem servir-se os mais elevados Espíritos, quando não dispõem de outro

mais rápido. Nem todos os Espíritos que se comunicam por batidas são Espíritos batedores, e a maioria deles repudia tal qualificação, que só convém àqueles que chamamos *batedores profissionais*. Repugna ao bom-senso acreditar que Espíritos superiores venham passar o tempo divertindo uma reunião com demonstrações de habilidades. Quanto às manifestações físicas propriamente ditas, jamais contestou sua utilidade, mas persiste na opinião de que, por si sós, são impotentes para levar à convicção. Ainda mais, diz ele, quanto mais extraordinários os fatos, mais excitam a incredulidade. O que é necessário, antes de tudo, é compreender o princípio dos fenômenos. Para aquele que o conhece, eles nada têm de sobrenatural e vêm apoiar a teoria.

O Sr. de Grand-Boulogne diz que a carta que acabam de ler é um pouco antiga e que, depois, suas idéias se modificaram sensivelmente. Ele partilha inteiramente a opinião do Sr. Allan Kardec, tendo-lhe a experiência demonstrado quanto é útil compreender o princípio antes de ver. Assim, não admite em sua casa senão as pessoas que já se deram conta da teoria, evitando, desse modo, uma porção de questões ociosas e objeções. Reconhece ter feito mais prosélitos por esse sistema do que pela exibição de fatos que não são compreendidos.

Estudos:

1º Evocação de *James Coyle*, alienado, morto com 106 anos, no hospital Saint-Patrick, de Dublin, onde se encontrava desde o ano de 1802. A evocação oferece um interessante assunto para estudo sobre o estado do Espírito na alienação mental.

2º Apelo, sem evocação especial, aos Espíritos que reclamaram assistência. Dois se manifestam espontaneamente: a Grande Françoise e o Espírito de Castelnudary, agradecendo aos que oraram por eles.

3º Um ditado espontâneo é obtido pelo Sr. D..., assinado pela *Irmã Jeanne*, uma das vítimas dos massacres da Síria.

Sexta-feira, 10 de agosto – Sessão geral

Reunião do comitê.

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

O Sr. Allan Kardec anuncia que uma senhora, membro da Sociedade, lhe confiou 10 francos para sua subscrição em benefício dos cristãos da Síria, ou qualquer outra obra de caridade à qual julgue por bem aplicá-los.

Comunicações diversas:

1º Carta do Sr. Jobard, de Bruxelas, sobre Thilorier, do qual foi amigo, e que foi evocado a 15 de junho de 1860. Dá interessantes detalhes sobre sua descoberta, sua vida e seus hábitos, retificando várias asserções contidas na nota publicada a seu respeito no jornal *Patrie*. Entre outras particularidades conta como a audição lhe foi restabelecida pelo magnetismo. (Publicada adiante).

2º O Sr. B..., ouvinte estrangeiro, narra diversos casos de manifestações físicas espontâneas ocorridas com um de seus amigos. Não podendo este comparecer à sessão, o próprio Sr. B... relatará os fatos com mais detalhes, posteriormente.

Estudos:

1º Perguntas diversas e problemas morais dirigidos a São Luís, a respeito da morte de Jean Luizerolle, condenado no lugar do filho, em 1793, devotando-se a ele para salvar-lhe a vida.

2º Evocação de Alfred de Marignac, que deu ao Sr. Darcol uma comunicação sobre a *penúria*, assinada por Bossuet.

3º Evocação de Bossuet a esse respeito e várias outras perguntas. Termina por uma dissertação espontânea sobre o perigo das querelas religiosas.

4º Evocação da *Irmã Jeanne*, vítima dos massacres da Síria, que comparecera espontaneamente na última sessão e havia pedido para ser chamada novamente.

5º Apelo a um dos Espíritos sofredores que reclamam assistência. Um Espírito novo se apresenta sob o nome de *Fortuné Privat*, e dá detalhes sobre sua situação e as penas que sofre. Esta comunicação suscita inúmeras explicações interessantes sobre o estado dos Espíritos infelizes.

6º Ditado espontâneo sobre *o nada da vida*, assinado por *Sophie Swetchine*, recebido pela Srta. Huet.

Sexta-feira, 17 de agosto de 1860 – Sessão particular

Reunião da comissão.

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 10 de agosto.

Por sugestão da comissão, e após a leitura da ata, a Sociedade admite como sócio livre o Sr. Jules R..., de Bruxelas, domiciliado em Paris.

Comunicações diversas:

1º Numa carta da Condessa D..., de Milão, dirigida ao Sr. Allan Kardec, encontra-se a seguinte passagem: “Ultimamente, folheando velhas revistas de Paris, encontrei uma historietta de um maravilhoso escritor, Charles Nodier, tendo por título: *Lídia ou a ressurreição*. Achei-me em plena *Revista Espírita*; é uma intuição de *O Livro dos Espíritos*, embora escrita em 1839. Nodier era um crente? Naquela época já se falava de Espiritismo? Se pudesse, gostaria muito de evocá-lo; era um coração puro e uma alma

apaixonada. Evocai-o, por favor, vós que podeis *tanto!* Se, encarnado, sua moral era tão suave e tão atraente, o que não será agora, quando seu Espírito se acha completamente desprendido da matéria?”

Há muito tempo a Sociedade deseja evocar Charles Nodier. Fa-lo-á na presente sessão.

2º Leitura de duas dissertações obtidas pelo Dr. de Grand-Boulogne, assinadas por Zénon; a primeira, sobre a dúvida suscitada quanto à identidade de Bossuet, na sessão anterior; a segunda sobre a reencarnação, cuja necessidade o Espírito demonstra, do ponto de vista moral, e sua concordância com as idéias religiosas.

3º Leitura de duas comunicações recebidas pela Sra. Costel, assinadas por Georges; a primeira, sobre *o progresso dos Espíritos*; a segunda, sobre *o despertar do Espírito*.

4º Leitura da evocação de Luís XIV, feita pela Srta. Huet, e de um ditado espontâneo, obtido pela mesma, sobre *o proveito a tirar dos conselhos dos Espíritos*, assinado por Marie, Espírito familiar.

Estudos:

1º Recorda o Sr. Ledoyen que há tempos São Luís tinha começado uma série de dissertações sobre os pecados capitais. Pergunta se ele gostaria de continuar esse trabalho.

São Luís responde que o fará de boa vontade e que da próxima vez falará sobre a *Inveja*, pois a hora está muito avançada para fazê-lo naquela mesma noite.

2º Perguntam a São Luís se, na próxima sessão, poderão chamar novamente a rainha de Oude, já evocada em janeiro de

1858, a fim de julgar dos progressos que ela poderia ter feito. Ele responde: “Seríeis inspirados pela caridade se a evocásseis e se lhe falásseis amigavelmente, ao mesmo tempo instruindo-a um pouco, pois ainda está muito atrasada.”

3º Evocação de Charles Nodier. Depois de ter respondido, com extrema benevolência, às perguntas que lhe foram feitas, promete começar um trabalho contínuo na próxima sessão.

4º Ditado espontâneo, obtido pelo Sr. Didier, sobre a *hipocrisia*, assinado por Lamennais. Em seguida, o Espírito responde a várias perguntas sobre a sua situação e o caráter que se reflete em suas comunicações.

Sexta-feira, 24 de agosto de 1860 – Sessão geral

Reunião do comitê.

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

O presidente procede à leitura da seguinte instrução, concernente às pessoas estranhas à Sociedade, a fim de preveni-las contra as falsas idéias que poderiam formar quanto aos objetivos de seus trabalhos.

“Julgamos dever lembrar às pessoas estranhas à Sociedade, e que não estejam ao corrente dos nossos trabalhos, que não fazemos nenhuma experiência, e que elas se enganariam se pensassem encontrar aqui assuntos para distração. Ocupamo-nos seriamente de coisas muito sérias, mas pouco interessantes e pouco inteligíveis para quem quer que seja estranho à ciência espírita. Como a presença de tais pessoas seria inútil para elas mesmas e, para nós, uma causa de perturbação, nós nos recusamos a admitir as que não possuem, ao menos, os seus primeiros elementos e, sobretudo, as que a ela não sejam simpáticas. Antes de tudo somos uma Sociedade científica de estudos, e não uma Sociedade de

ensino; jamais convocamos o público porque sabemos, por experiência, que a convicção só se forma por uma longa série de observações e não por ter assistido a algumas sessões, que não apresentam nenhuma seqüência metódica. Eis por que não fazemos demonstrações que, devendo recommençar cada vez, paralisariam nossos trabalhos. Se, apesar disso, aqui se encontrassem pessoas que só fossem atraídas pela curiosidade, ou que não partilhassem nossa maneira de ver, nós lhes pediríamos se lembrassem de que não as convidamos e que esperamos de sua dignidade o respeito às nossas convicções, como respeitamos as suas. Não pedimos de sua parte senão silêncio e recolhimento. Sendo o recolhimento uma das mais expressas recomendações dos Espíritos que desejam comunicar-se conosco, exortamos insistentemente as pessoas presentes a que se abstenham de qualquer conversação particular.”

Decidiu a comissão que, embora haja uma 5^a sexta-feira no dia 31 deste mês, a de hoje, 24, será a última sessão antes das férias, e que a próxima será na primeira sexta-feira de outubro.

A comissão tomou conhecimento de uma carta com pedido de admissão como sócio livre, do Sr. B..., de Paris; mas, tendo em vista que a sessão do dia é geral, o exame fica adiado para depois das férias.

Comunicações diversas:

1^o Leitura da evocação particular, feita pelo Sr. Jules Rob..., de *Père Leroy*, falecido ultimamente em Beirute. A evocação é notável pela elevação dos pensamentos do Espírito, que em nada desmente o belo caráter de que deu provas em vida, e que é o de um verdadeiro cristão. Ele externa o desejo de ser evocado na Sociedade.

2^o Leitura de um ditado espontâneo, recebido pelo Sr. Darcol, sobre *os médiums*, assinado por *Salles*. Obtida na última sessão, essa comunicação não pôde ser lida, porque dela não se

havia tomado conhecimento prévio, *formalidade* que o regulamento prescreve imperiosamente.

3º Outro ditado espontâneo, recebido pela Sra. de B... sobre a *Caridade moral*, assinado pela Irmã Rosália.

4º Dois outros ditados espontâneos, obtidos pela Sra. Costel, um sobre *as várias categorias de Espíritos errantes*, e o outro sobre *os castigos*, assinados por Georges. Estas duas comunicações podem ser classificadas entre as mais notáveis, pela sublimidade dos pensamentos, a verdade dos quadros e a eloquência do estilo. (Serão publicadas, assim como as outras comunicações mais importantes).

O presidente faz observar que a Sociedade é necessariamente limitada pelo tempo, mas que tudo quanto os membros recebem em particular, desde que o queiram trazer, deve ser considerado como um complemento de seus trabalhos. Não deve considerar como dela fazendo parte apenas o que obtém em suas sessões, mas, igualmente, tudo quanto lhe vem de fora e pode servir para a sua instrução. Ela é o centro para onde convergem os estudos particulares para o bem de todos; examina-os, comenta-os e os aproveita, se for o caso. Para os médiuns, é um meio de controle que, esclarecendo-os quanto à natureza das comunicações que recebem, pode preservá-los de mais de um engano. Aliás, muitas vezes os Espíritos preferem comunicar-se na intimidade, onde necessariamente há mais recolhimento que nas reuniões numerosas, pelos instrumentos de sua escolha, nos momentos que lhes convêm e em circunstâncias que nem sempre nos é dado apreciar. Concentrando essas comunicações, cada um aproveita todas as vantagens que elas podem oferecer.

Estudos:

1º Perguntas dirigidas a São Luís sobre o Espírito Georges. Quando vivo ele era pintor e professor de desenho da

pessoa que lhe serve de médium. Sua vida não oferece nenhuma particularidade relevante, a não ser que sempre foi bom e benevolente. Suas comunicações, como Espírito, trazem um selo de tal superioridade que se desejou saber a posição por ele ocupada no mundo dos Espíritos. São Luís responde:

“Ele foi um Espírito justo na Terra; toda sua grandeza consiste na bondade, na caridade e na fé em Deus, que professava. Assim, hoje, encontra-se colocado entre os Espíritos superiores.”

2º Evocação de *Charles Nodier*, pela Srta. Huet. Ele começa o trabalho prometido na última sessão.

3º Evocação do *Père Leroy*. Como deixara livre a escolha do médium, preferiu-se não utilizar aquele de que se serviu pela primeira vez, a fim de afastar qualquer influência e poder melhor julgar da identidade por suas respostas. Elas estão em todos os pontos de acordo com os pensamentos antes expressos e dignos de um Espírito elevado. Ele termina por conselhos da mais alta sabedoria, nos quais se revelam, simultaneamente, a humildade do cristão, a tolerância da caridade evangélica e a superioridade da inteligência.

4º Evocação da rainha de Oude, já evocada em janeiro de 1858 (ver a *Revista* de março de 1858). Médium: Sr. Jules Rob.. Nota-se nela uma leve disposição para progredir, mas o fundo de seu caráter sofreu pouca mudança.

Observação – Entre os assistentes achava-se uma senhora que durante muito tempo residiu na Índia e a conheceu pessoalmente. Diz que todas as respostas são perfeitamente conformes com o seu caráter e que é impossível não reconhecer nelas uma prova de identidade.

5º Três ditados espontâneos são obtidos: o primeiro pela Srta. Huet, sobre a *Inveja*, assinado por São Luís; o segundo

pelo Sr. Didier, sobre o *pecado original*, assinado por Ronsard; e o terceiro pela Srta. Stéphanie, assinado por Gustave Lenormand.

Durante as últimas comunicações, a Srta. L. J..., médium desenhista, recebeu dois grupos, assinados por Jules Romain.

Em seguida a alguns belos pensamentos escritos por um Espírito que não os assina, outro Espírito, que já se manifestou pela Srta. L. J..., interfere na comunicação, fazendo quebrar os lápis e riscando traços que denotam sentimentos de cólera. Ao mesmo tempo comunica-se com o Sr. Jules Rob..., respondendo laconicamente e com altivez às questões que lhe são dirigidas.

É o Espírito de um soberano estrangeiro, conhecido pela violência de seu caráter. Convidado a assinar o nome, ele o faz de duas maneiras. Um dos assistentes, ligado ao governo de seu país, cujas funções lhe deram ensejo de ver muito a sua assinatura, numa reconhece a de documentos oficiais, e na outra a das cartas particulares.

Encerrada a sessão geral, os Senhores membros da Sociedade são convidados a permanecer por mais alguns instantes para uma comunicação.

Numa alocução muito calorosa, o Sr. Sanson expressa o reconhecimento que deve ao Espírito São Luís, por sua intervenção na cura de um mal na perna que havia resistido a todos os tratamentos e deveria levar à amputação. É, diz ele, ao conhecimento do Espiritismo que deve sua cura, verdadeiramente miraculosa, pela confiança que teve na bondade e no poder de Deus, com o que antes pouco se preocupava. E como deve à Sociedade o ter sido iniciado nas verdades que ela ensina, ele a inclui nos seus agradecimentos. Desde então, todos os anos, oferece ao Espírito São Luís, no dia que lhe é consagrado, um

buquê de flores, em memória do favor de que foi objeto; e é essa homenagem que ele renova hoje, 24 de agosto, véspera de São Luís.

A Sociedade se associa ao testemunho de gratidão do Sr. Sanson. Ela agradece a São Luís a benevolência que tem merecido de sua parte e lhe pede continuar fazendo jus à sua proteção. São Luís responde:

“Sinto-me feliz, triplamente feliz, meus amados irmãos, pelo que vejo e ouço esta noite. Vossa emoção e reconhecimento ainda são a melhor homenagem que podeis dirigir-me. Que o Deus de bondade vos conserve estes bons e piedosos sentimentos! Continuarei a velar por uma Sociedade unida pelos sentimentos de caridade e de verdadeira fraternidade.”

Luís

O Maravilhoso e o Sobrenatural³⁰

Se a crença nos Espíritos e nas suas manifestações representasse uma concepção singular, fosse produto de um sistema, poderia, com visos de razão, merecer a suspeita de ilusória. Digam-nos, porém, por que com ela deparamos tão vivaz entre todos os povos, antigos e modernos, e nos livros santos de todas as religiões conhecidas? É, respondem os críticos, porque, desde todos os tempos, o homem teve o gosto do maravilhoso. – Mas, que entendeis por maravilhoso? – O que é sobrenatural. – Que entendeis por sobrenatural? – O que é contrário às leis da Natureza. – Conheceis, porventura, tão bem estas que possais marcar limite ao poder de Deus? Pois bem! Provai então que a existência dos Espíritos e suas manifestações são contrárias às leis da Natureza; que não é, nem pode ser uma destas leis.

30 **N. do T.:** Este artigo foi incluído por Allan Kardec em *O Livro dos Médiuns*, cuja primeira edição apareceu em 1861. Corresponde ao capítulo II, Primeira Parte, do livro citado.

Acompanhai a Doutrina Espírita e vede se todos os elos, ligados uniformemente à cadeia, não apresentam todos os caracteres de uma lei admirável, que resolve tudo o que as filosofias até agora não puderam resolver.

O pensamento é um dos atributos do Espírito; a possibilidade, que eles têm de atuar sobre a matéria, de nos impressionar os sentidos e, por conseguinte, de nos transmitir seus pensamentos, resulta, se assim nos podemos exprimir, da constituição fisiológica que lhes é própria. Logo, nada há de sobrenatural neste fato, nem de maravilhoso.

Entretanto, objetarão, admitis que um Espírito pode suspender uma mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio. Não constitui isto uma derrogação da lei de gravidade? – Constitui, mas da lei conhecida; porém, já a Natureza disse a sua última palavra? Antes que se houvesse experimentado a força ascensional de certos gases, quem diria que uma máquina pesada, carregando muitos homens, fosse capaz de triunfar da força de atração? Aos olhos do vulgo, tal coisa não pareceria maravilhosa, diabólica? Por louco houvera passado aquele que, há um século, se tivesse proposto a transmitir um telegrama a 500 léguas de distância e a receber a resposta, alguns minutos depois. Se o fizesse, toda gente creia ter ele o diabo às suas ordens, pois que, àquela época, só ao diabo era possível andar tão depressa. Por que, então, um fluido desconhecido não poderia, em dadas circunstâncias, ter a propriedade de contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Notemos, de passagem, que não fazemos uma assimilação, mas apenas uma comparação, e unicamente para mostrar, por analogia, que o fato não é fisicamente impossível.

Ora, foi exatamente por quererem proceder por assimilação, ao observarem estas espécies de fenômenos, que os sábios se transviaram.

Em suma, o fato aí está. Não há, nem haverá negação que possa fazer não seja ele real, porquanto negar não é provar. Para nós, não há coisa alguma sobrenatural. É tudo o que, por agora, podemos dizer.

Se o fato ficar comprovado, dirão, aceitá-lo-emos; aceitaríamos mesmo a causa a que o atribuíis, a de um fluido desconhecido. Mas, quem nos prova a intervenção dos Espíritos? Aí é que está o maravilhoso, o sobrenatural.

Far-se-ia mister aqui uma demonstração completa, que, no entanto, estaria deslocada e, ao demais, constituiria uma repetição, visto ressaltar de todas as outras partes do ensino. Todavia, resumindo-a nalgumas palavras, diremos que, em teoria, ela se funda neste princípio: todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente; e, do ponto de vista prático, na observação de que, tendo os fenômenos ditos espíritas dado provas de inteligência, fora da matéria havia de estar a causa que os produzia, e que, não sendo essa inteligência a dos assistentes – o que a experiência atesta – havia de lhes ser exterior. Pois que não se via o ser que atuava, necessariamente era um ser invisível.

Assim foi que, de observação em observação, se chegou ao reconhecimento de que esse ser invisível, a que deram o nome de Espírito, não é senão a alma dos que viveram corporalmente, aos quais a morte arrebatou o grosseiro invólucro visível, deixando-lhes apenas um envoltório etéreo, invisível no seu estado normal. Eis, pois, o maravilhoso e o sobrenatural reduzidos à sua mais simples expressão.

Uma vez comprovada a existência de seres invisíveis, a ação deles sobre a matéria resulta da natureza do envoltório fluídico que os reveste. É inteligente essa ação, porque, ao morrerem, eles perderam tão-somente o corpo, conservando a inteligência que lhes constitui a essência mesma. Aí está a chave de

todos esses fenômenos tidos erradamente por sobrenaturais. A existência dos Espíritos não é, portanto, um sistema preconcebido, ou uma hipótese imaginada para explicar os fatos: é o resultado de observações e a consequência natural da existência da alma. Negar essa causa é negar a alma e seus atributos. Dignem-se de apresentá-la os que pensam poder dar desses efeitos inteligentes uma explicação mais racional e, sobretudo, apontar a causa de *todos os fatos*; só então será possível discutir-se o mérito de cada uma.

Para os que consideram a matéria a única potência da Natureza, *tudo o que não pode ser explicado pelas leis da matéria é maravilhoso, ou sobrenatural*, e, para eles, *maravilhoso* é sinônimo de *superstição*. Se assim fosse, a religião, que se baseia na existência de um princípio imaterial, seria uma colcha de superstições. Não ousam dizê-lo em voz alta, mas dizem-no baixinho e julgam salvar as aparências ao admitirem que uma religião é necessária ao povo e às crianças, para que se tornem ajuizados. Ora, uma de duas, ou o princípio religioso é verdadeiro, ou falso. Se é verdadeiro, ele o é para toda gente; se falso, não tem maior valor para os ignorantes do que para os instruídos.

Os que atacam o Espiritismo, em nome do maravilhoso, se apóiam geralmente no princípio materialista, porquanto, negando qualquer efeito extramaterial, negam, *ipso facto*, a existência da alma. Sondai-lhes, porém, o fundo das consciências, perscrutai bem o sentido de suas palavras e descobrireis quase sempre esse princípio, se não categoricamente formulado, germinando por baixo da capa com que o cobrem, a de uma pretensa filosofia racional. Se abordardes claramente, perguntando-lhes se acreditam ter uma alma, talvez não ousem dizer que não, mas responderão que nada sabem ou não têm certeza. Lançando à conta do maravilhoso tudo o que decorre da existência da alma, são, pois, consequentes consigo mesmos: não admitindo a causa, não podem admitir os efeitos. Daí, entre eles, uma opinião preconcebida, que os torna impróprios para julgar com lisura o

Espiritismo, visto que o princípio donde partem é o da negação de tudo o que não seja material.

Quanto a nós, dar-se-á aceitemos todos os fatos qualificados de maravilhosos, pela simples razão de admitirmos os efeitos que são a consequência da existência da alma? Dar-se-á sejamos campeões de todos os sonhadores, adeptos de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas? Quem assim pensar demonstrará bem minguido conhecimento do Espiritismo. Mas os nossos adversários não atentam nisto muito de perto. O de que menos cuidam é da necessidade de conhecerem aquilo de que falam.

Segundo eles, o maravilhoso é absurdo; ora, o Espiritismo se apóia em fatos maravilhosos; logo, o Espiritismo é absurdo. E consideram sem apelação esta sentença. Acham que opõem um argumento irretorquível quando, depois de terem procedido a eruditas pesquisas acerca dos convulsionários de Saint-Médard, dos fanáticos de Cevenas, ou das religiosas de Loudun, chegaram à descoberta de patentes embustes, que ninguém contesta. Semelhantes histórias, porém, serão o Evangelho do Espiritismo? Terão seus adeptos negado que o charlatanismo há explorado, em proveito próprio, alguns fatos? que outros sejam frutos da imaginação? que muitos tenham sido exagerados pelo fanatismo? Tão solidário é ele com as extravagâncias que se cometem em seu nome, quanto a verdadeira ciência com os abusos da ignorância, ou a verdadeira religião com os excessos do sectarismo. Muitos críticos se limitam a julgar do Espiritismo pelos contos de fadas e pelas lendas populares que lhe são as ficções. O mesmo fora julgar da História pelos romances históricos, ou pelas tragédias.

Em lógica elementar, para se discutir uma coisa, preciso se faz conhecê-la, porquanto a opinião de um crítico só tem valor quando ele fala com perfeito conhecimento de causa. Então,

somente, sua opinião, embora errônea, poderá ser tomada em consideração. Que peso, porém, terá quando ele trata do que não conhece? A legítima crítica deve demonstrar não só erudição, mas também *profundo conhecimento* do objeto que versa, juízo reto e imparcialidade a toda prova, sem o que, qualquer menestrel poderá arrogar-se o direito de julgar Rossini, e um pinta-monos o de censurar Rafael.

Assim, o Espiritismo não aceita todos os fatos considerados maravilhosos, ou sobrenaturais. Longe disso, demonstra a impossibilidade de grande número deles e o ridículo de certas crenças, que constituem a superstição propriamente dita. É exato que, no que ele admite, há coisas que, para os incrédulos, são puramente do domínio do maravilhoso, ou por outra, da superstição. Seja. Mas, ao menos, discuti apenas esses pontos, porquanto, com relação aos demais, nada há que dizer e pregais em vão.

Porém, até onde vai a crença do Espiritismo? perguntarão. Lede, observai e sabê-lo-eis. Só com o tempo e o estudo se adquire o conhecimento de qualquer ciência. Ora, o Espiritismo, que toca nas mais graves questões de filosofia e em todos os ramos da ordem social, que abrange tanto o homem físico quanto o homem moral, é, em si mesmo, uma ciência, uma filosofia, que já não podem ser aprendidas em algumas horas, como nenhuma outra ciência.

Tanta puerilidade haveria em se querer ver todo o Espiritismo numa mesa girante, como toda a física nalguns brinquedos de criança. A quem não se limite a ficar na superfície, são necessários não somente algumas horas, mas meses e anos, para lhe sondar todos os arcanos. Por aí se pode apreciar o grau de saber e o valor da opinião dos que se atribuem o direito de julgar, porque viram uma ou duas experiências, as mais das vezes por distração ou divertimento. Dirão eles com certeza que não lhes sobram lazeres para consagrarem a tais estudos todo o tempo que reclamam. Está

bem; nada a isso os constringe. Mas, quem não tem tempo de aprender uma coisa não deve discorrer sobre ela e, ainda menos, julgá-la, se não quiser que o acusem de leviano. Ora, quanto mais elevada a posição que ocupamos na ciência, tanto menos escusável é tratarmos, levemente, de um assunto que não conhecemos.

Resumimos nas proposições seguintes o que havemos expendido:

1º Todos os fenômenos espíritas têm por princípio a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo e suas manifestações.

2º Fundando-se numa lei da Natureza, esses fenômenos nada têm de *maravilhosos*, nem de *sobrenaturais*, no sentido vulgar dessas palavras.

3º Muitos fatos são tidos por sobrenaturais, porque não se lhes conhece a causa; atribuindo-lhes uma causa, o Espiritismo os põe no domínio dos fenômenos naturais.

4º Entre os fatos qualificados de sobrenaturais, muitos há cuja impossibilidade o Espiritismo demonstra, incluindo-os em o número das crenças supersticiosas.

5º Se bem reconheça um fundo de verdade em muitas crenças populares, o Espiritismo de modo algum dá sua solidariedade a todas as histórias fantásticas que a imaginação há criado.

6º Julgar do Espiritismo pelos fatos que ele não admite é dar prova de ignorância e tirar todo valor à opinião emitida.

7º A explicação dos fatos que o Espiritismo admite, de suas causas e conseqüências morais, forma uma verdadeira ciência e toda uma filosofia, que reclamam estudo sério, perseverante e aprofundado.

8º O Espiritismo não pode considerar crítico sério, senão aquele que tudo tenha visto, estudado e aprofundado com a paciência e a perseverança de um observador consciencioso; que do assunto saiba tanto quanto qualquer adepto instruído; que haja, por conseguinte, haurido seus conhecimentos algures, que não nos romances da ciência; aquele a quem não se possa opor *fato algum* que lhe seja desconhecido, nenhum argumento de que já não tenha cogitado e cuja refutação faça, não por mera negação, mas por meio de outros argumentos mais peremptórios; aquele, finalmente, que possa indicar, para os fatos averiguados, causa mais lógica do que a que lhes aponta o Espiritismo. Tal crítico ainda está por aparecer.

Nem é preciso dizer que os críticos do maravilhoso, com mais forte razão, relegam os milagres para o âmbito das quimeras da imaginação. Algumas palavras a respeito, embora colhidas de um artigo precedente, encontram aqui seu lugar natural, e não será inútil lembrá-las.³¹

Na sua acepção primitiva, e por sua etimologia, a palavra milagre significa *coisa extraordinária, coisa admirável de ver*. Mas, como tantas outras, esta palavra perdeu o sentido original e hoje se diz, segundo a Academia, *de um ato do poder divino contrário às leis comuns da Natureza*. Tal, com efeito, a acepção vulgar, de modo que só por comparação e por metáfora a palavra se aplica às coisas vulgares que nos surpreendem, e cuja causa é desconhecida. Não entra de modo algum em nossas cogitações se Deus poderia julgar útil, em certas circunstâncias, derrogar leis por ele mesmo estabelecidas. Nosso objetivo é apenas demonstrar que os fenômenos espíritas, por mais extraordinários que sejam, não derrogam absolutamente essas leis, não têm nenhum caráter miraculoso, como não são maravilhosos ou sobrenaturais. O milagre não se explica; os fenômenos espíritas, ao contrário, explicam-se da maneira mais racional. Não são, pois, milagres, mas

31 N. do T.: Com algumas modificações, Allan Kardec inseriu parte deste texto no capítulo XIII de *A Gênese*, derradeiro livro da Codificação Espírita, publicado em 1868. (*Características dos Milagres*).

simples efeitos que têm sua razão de ser nas leis gerais. Outro caráter do milagre é o ser insólito, isolado. Ora, logo que um fenômeno se reproduz, por assim dizer, à vontade e por diversas pessoas, não pode ser um milagre.

Aos olhos dos ignorantes, a Ciência faz milagres todos os dias. Eis por que, outrora, os que sabiam mais que o vulgo passavam por feiticeiros. E como acreditavam que toda ciência sobre-humana vinha do diabo, eram queimados. Hoje, que estamos muito mais civilizados, contentamo-nos de os enviar para os hospícios.

Se um homem, que se ache realmente morto, for chamado à vida por intervenção divina, haverá verdadeiro milagre, por ser esse um fato contrário às leis da Natureza. Mas, se em tal homem houver apenas aparências da morte, se lhe restar uma *vitalidade latente* e a Ciência, ou uma ação magnética, conseguir reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas ter-se-á dado um fenômeno natural, mas, para o vulgo ignorante, o fato passará por miraculoso. Lance um físico, do meio de certas campinas, um papagaio elétrico e faça que o raio caia sobre uma árvore e certamente esse novo Prometeu será tido por armado de diabólico poder; mas Josué, detendo o movimento do Sol, ou, antes, da Terra, eis o verdadeiro milagre, porquanto não conhecemos nenhum magnetizador dotado de tão grande poder, para realizar tamanho prodígio.

De todos os fenômenos espíritas, um dos mais extraordinários, sem dúvida, é o da escrita direta, e um dos que demonstram da maneira mais patente a ação das inteligências ocultas; mas, pelo fato de o fenômeno ser produzido por seres ocultos, não é mais miraculoso que todos os outros fenômenos devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam os espaços são uma das forças da Natureza, cuja ação é tão incessante sobre o mundo material, quanto sobre o mundo moral.

Esclarecendo-nos quanto a essa força, o Espiritismo nos dá a chave de uma porção de coisas inexplicáveis, e inexplicadas por qualquer outro meio e que puderam, em tempos remotos, passar por prodígios. Assim como o magnetismo, ele revela uma lei, se não desconhecida, ao menos mal compreendida ou, melhor dizendo, da qual se conheciam os efeitos, porque se produziam em todos os tempos, mas não se conhecia a lei, e foi essa ignorância da lei que engendrou a superstição. Conhecida essa lei, o maravilhoso desaparece e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que os espíritas não operam mais milagres fazendo girar uma mesa ou um morto escrever, do que o médico fazendo reviver um moribundo ou o físico fazendo cair o raio. Aquele que, auxiliado por essa ciência, pretendesse *fazer milagres*, ou seria um ignorante do assunto ou um charlatão.

Os fenômenos espíritas, assim como os fenômenos magnéticos, devem ter passado por prodígio, antes que se lhes conhecessem a causa. Ora, como os cépticos, os espíritos fortes, isto é, os que têm o privilégio exclusivo da razão e do bom-senso, não crêem que uma coisa seja possível desde que não a compreendem. Eis por que todos os fatos reputados como prodigiosos são objeto de suas zombarias; e como a religião contém grande número de fatos desse gênero, não crêem na religião, e daí à incredulidade absoluta há apenas um passo. Explicando a maioria desses fatos, o Espiritismo lhes dá uma razão de ser. Ele vem, pois, em auxílio à religião, ao demonstrar a impossibilidade de certos fatos que, por não mais terem caráter miraculoso, não são menos extraordinários. Deus não é menos grande, nem menos poderoso por não ter derogado suas leis. De quantos gracejos não foram objeto as levitações de São Cupertino? Ora, a suspensão no ar dos corpos pesados é um fato explicado pelo Espiritismo; deles *pessoalmente fomos testemunha ocular*, e o Sr. Home, como outras pessoas de nosso conhecimento, repetiram várias vezes o fenômeno produzido por São Cupertino. Assim, esse fenômeno entra na ordem das coisas naturais.

No número dos fatos desse gênero deve-se colocar, em primeira linha, as aparições, por serem os mais freqüentes. A de Salette, que divide o próprio clero, para nós nada tem de insólita. Certamente não podemos afirmar que o fato ocorreu, pois não temos a prova material. Para nós, contudo, é possível, desde que milhares de fatos análogos *recentes* são do nosso conhecimento. Cremos neles, não só porque sua realidade foi por nós constatada, mas, sobretudo, por que nos damos conta perfeitamente da maneira por que se produzem. Queiram reportar-se à teoria que demos, das aparições³², e verão que tal fenômeno se torna tão simples e tão plausível quanto uma porção de fenômenos físicos, que não são prodigiosos senão pela falta de sua chave. Quanto à personagem que se apresentou em Salette, é outra questão; sua identidade de modo algum foi demonstrada; apenas constatamos que pode ter havido uma aparição; o resto não é de nossa competência. A respeito, cada um pode guardar as suas convicções, com as quais o Espiritismo nada tem de se ocupar. Apenas dizemos que os fatos produzidos pelo Espiritismo nos revelam leis novas e nos dão a chave de uma porção de coisas que pareciam sobrenaturais. Se algumas delas que passavam por miraculosas, agora encontram uma explicação lógica, é motivo para não haver pressa em negar aquilo que não se compreende.

Os fatos do Espiritismo são contestados por certas pessoas, precisamente porque parecem escapar à lei comum, e porque elas não os compreendem. Dai-lhes uma base racional e a dúvida cessará. Neste século onde não se poupam palavras, a explicação é, pois, um poderoso elemento de convicção. Assim, diariamente vemos pessoas que não testemunharam nenhum fato, que nem viram uma mesa girar, nem um médium escrever, e que estão tão convencidas quanto nós, unicamente porque leram e compreenderam. Se só devêssemos acreditar no que viram os nossos olhos, nossas convicções se reduziriam a bem pouca coisa.

32 N. do T.: Teoria exposta na *Revista Espírita*, fascículo de dezembro de 1858.

História do Maravilhoso e do Sobrenatural

POR LUIS FIGUIER

(Primeiro artigo)

Dá-se com a palavra *maravilhoso* o mesmo que se dá com a palavra alma; há um sentido elástico que se presta a interpretações diversas. Eis por que julgamos útil estabelecer alguns princípios gerais no artigo precedente, antes de abordar o exame da história dada pelo Sr. Figuiet. Quando essa obra apareceu, os adversários do Espiritismo bateram palmas, dizendo que, sem dúvida, nos iríamos dar mal; em seu caridoso pensamento já nos viam mortos sem apelação. Triste efeito da cegueira apaixonada e irrefletida, porquanto se eles se dessem ao trabalho de observar o que querem demolir, veriam que o Espiritismo será um dia, mais cedo do que pensam, a salvaguarda da sociedade, e talvez eles próprios lhe devam a salvação, não dizemos no outro mundo, com o qual pouco se preocupam, mas neste mesmo! Não é levemente que dizemos tais palavras; ainda não chegou o momento de as desenvolver, embora muitos já nos compreendam.

Voltando ao Sr. Figuiet, nós mesmos tínhamos pensado ver nele um adversário realmente sério, trazendo argumentos peremptórios que valessem a pena ser refutados com seriedade. Sua obra compreende quatro volumes; os dois primeiros com uma exposição de princípios, um prefácio e uma introdução, depois uma relação de fatos perfeitamente conhecidos, e que devem ser lidos com interesse, tendo em vista as pesquisas eruditas que mereceram da parte do autor; acreditamos ser o relato mais completo já publicado sobre o assunto. Assim, o primeiro volume é quase inteiramente consagrado à história de Urbain Grandier e das religiosas de Loudun; vêm a seguir as convulsionárias de Saint-Médard, a história dos profetas protestantes, a varinha mágica, o magnetismo animal. O quarto volume, que acaba de ser publicado,

trata especialmente das mesas girantes e dos Espíritos batedores. Mais tarde voltaremos a este último volume, limitando-nos, agora, a uma apreciação sumária do conjunto.

A parte crítica das histórias que constituem os dois primeiros volumes consiste em provar, por testemunhos autênticos, que a intriga, as paixões humanas e o charlatanismo tiveram grande papel; que certos fatos trazem a marca evidente da astúcia, o que ninguém contesta. Ninguém jamais garantiu a integridade de *todos* esses fatos, menos do que quaisquer outros os espíritos, que devem ser gratos ao Sr. Figuier por ter reunido provas que evitarão numerosas compilações. Eles têm interesse em que a fraude seja desmascarada, e todos os que a descobrirem nos fatos erroneamente qualificados de fenômenos espíritos lhes prestarão serviço. Ora, para prestar semelhante serviço, nada melhor que os inimigos. Vê-se, pois, que tais inimigos servem para alguma coisa; apenas o desejo da crítica às vezes os arrasta muito longe e, no ardor de descobrir o mal, muitas vezes o vêem onde ele não está, por não terem examinado com bastante atenção e imparcialidade, o que é ainda mais raro. O verdadeiro crítico deve lutar contra as idéias preconcebidas e despojar-se de qualquer preconceito, pois, do contrário, julgará do seu ponto de vista, que talvez nem sempre seja justo. Tomemos um exemplo: suponhamos a história política de acontecimentos contemporâneos escrita com a maior imparcialidade, isto é, com inteira verdade, e imaginemos esta história comentada por dois críticos de opiniões contrárias. Porque todos os fatos são exatos, forçosamente haverão de contrariar a opinião de um deles; daí os julgamentos contraditórios: um que levará a obra às nuvens, e o outro, defendendo que seja lançada ao fogo. No entanto, a obra só conterà a verdade. Se assim ocorre com os fatos patentes, como os da História, com mais forte razão quando se trata da apreciação de doutrinas filosóficas. Ora, o Espiritismo é uma doutrina filosófica, e os que só o vêem no fato das mesas girantes, ou que o julgam pelos contos absurdos e pelos abusos que deles se podem fazer, que o confundem com os meios

de adivinhação, provam que não o conhecem. Estaria o Sr. Figuiet nas condições requeridas para o julgar com imparcialidade? É o que vamos examinar.

Assim começa o Sr. Figuiet o seu prefácio:

“Em 1854, quando as mesas girantes e falantes, importadas da América, fizeram sua aparição na França, produziram uma impressão que ninguém esqueceu. Muitos espíritos sábios e prudentes ficaram alarmados com esse transbordamento imprevisto da paixão pelo maravilhoso. Não podiam compreender *semelhante alucinação* em pleno século XIX, com uma filosofia avançada e em meio a esse magnífico movimento científico que hoje dirige tudo para o positivo e o útil.”

Seu julgamento está decretado: a crença nas mesas girantes é uma alucinação. Como o Sr. Figuiet é um homem positivo, deve-se pensar que antes de publicar seu livro, viu tudo, tudo estudou, aprofundou tudo; numa palavra, que fala com conhecimento de causa. Se assim não fosse, cairia no erro dos Srs. Schiff e Jobert (de Lamballe) com a sua teoria do músculo estalante. (ver a *Revista* do mês de junho de 1859). Entretanto, sabemos que há um mês apenas ele assistiu a uma sessão, onde provou que ignorava os mais elementares princípios do Espiritismo. Considerar-se-á suficientemente esclarecido porque assistiu a uma sessão? Por certo não duvidamos da sua perspicácia, mas, por maior seja ela, não podemos admitir que ele possa conhecer e, sobretudo, compreender o Espiritismo numa sessão, como não aprendeu a Física numa única lição. Se o Sr. Figuiet pudesse fazê-lo, tomaríamos o fato como um dos mais maravilhosos. Quando ele tiver estudado o Espiritismo com o mesmo cuidado que se dispensa ao estudo de uma ciência, quando lhe tiver consagrado um tempo moral necessário, quando tiver assistido a *milhares* de experiências, quando se tiver dado conta de todos os fatos, sem exceção, quando tiver comparado todas as

teorias, só então poderá expender uma crítica judiciosa. Até lá o seu julgamento é uma opinião pessoal, cujo peso, pró ou contra, não terá nenhum valor.

Tomemos a coisa sob outro ponto de vista. Dissemos que o Espiritismo repousa inteiramente na existência, em nós, de um princípio imaterial ou, em outras palavras, na existência da alma. Quem não admite um Espírito em si não pode admiti-lo fora de si. Conseqüentemente, não admitindo *a causa*, não pode admitir o efeito. Gostaríamos, pois, de saber se o Sr. Figuier colocaria no frontispício de seu livro a seguinte profissão de fé:

1º Creio num Deus, autor de todas as coisas, todopoderoso, soberanamente justo e bom e infinito em suas perfeições;

2º Creio na *providência* de Deus;

3º Creio na existência da alma sobrevivente ao corpo, e em sua individualidade após a morte, não como uma *probabilidade*, mas como uma coisa necessária e conseqüente dos atributos da Divindade;

4º Admitindo a alma e a sua sobrevivência, creio que não seria nem conforme à justiça, nem conforme a bondade de Deus, que o bem e o mal fossem tratados em pé de igualdade após a morte, considerando-se que, durante a vida, muito raramente recebem a recompensa ou o castigo que merecem;

5º Se a alma do mau e a do bom não são tratadas do mesmo modo, algumas são felizes, outras infelizes, isto é, são recompensadas ou punidas segundo suas obras.

Se o Sr. Figuier fizesse tal profissão de fé, nós lhe diríamos: Esta profissão é a de todos os espíritos, porquanto sem isto o Espiritismo não teria nenhuma razão de ser; somente aquilo

que credes teoricamente, o Espiritismo o demonstra pelos fatos, porque todos os fatos espíritas são conseqüência destes princípios. Não sendo os Espíritos que povoam o espaço mais do que as almas dos que viveram na Terra ou em outros mundos, desde que se admita a alma, sua sobrevivência e sua individualidade, por isso mesmo deve-se admitir os Espíritos. Sendo reconhecida a base, toda a questão se resume em saber se esses Espíritos ou essas almas podem comunicar-se com os vivos; se têm ação sobre a matéria; se influem no mundo físico e no mundo moral; ou, então, se são votados a uma perpétua inutilidade, ou a não se ocuparem senão de si mesmos, o que é pouco provável, desde que se admita a providência de Deus e se considere a admirável harmonia que impera no Universo, onde os menores seres desempenham o seu papel.

Se a resposta do Sr. Figuier fosse negativa, ou, por polidez, fosse ambígua nós lhe diríamos – para nos servir da expressão de certos pessoas e a fim de não chocar muito bruscamente respeitáveis preconceitos – o seguinte: não sois juiz mais competente em matéria de Espiritismo do que um muçulmano em assuntos da religião católica; vosso julgamento não seria imparcial e em vão negaríeis albergar idéias preconcebidas, porquanto tais idéias, em vossa própria opinião, dizem respeito ao princípio fundamental, que rejeitais *a priori*, antes de conhecer o assunto.

Se algum dia uma equipe de cientistas nomeasse um relator para examinar a questão do *Espiritismo* e esse relator não fosse francamente *Espiritualista*, seria o mesmo que um concílio escolher Voltaire para tratar de uma questão dogmática. Admiramo-nos de que os cientistas não tenham dado sua opinião; mas nos esquecemos de que sua missão – é bom frisar – é o estudo das leis da matéria e não dos atributos da alma e, menos ainda, o de decidir se a alma existe. Sobre tais assuntos eles podem ter opiniões individuais, como podem ter sobre a religião; mas, como entidade científica, jamais terão que se pronunciar.

Não sabemos o que o Sr. Figuiet responderia às perguntas formuladas na profissão de fé acima, mas o seu livro deixa pressenti-lo. Com efeito, o segundo parágrafo de seu prefácio é assim concebido:

“Um conhecimento exato da História do passado teria prevenido ou, pelo menos, diminuído muito tal espanto. De fato, seria grande erro imaginar-se que as idéias que, em nossos dias, deram origem à crença nas mesas falantes e nos Espíritos batedores, são de origem moderna. Esse amor do maravilhoso não é particular à nossa época; está em todos os tempos e países, por se ligar à própria natureza do espírito humano. *Por uma instintiva e injustificada desconfiança em suas próprias forças, o homem é levado a colocar acima de si forças invisíveis, que se exercem numa esfera inacessível.* Esta disposição inata existiu em todos os períodos da História da Humanidade, revestindo aspectos diferentes conforme o tempo, os lugares e os costumes, originando manifestações variáveis na forma, porém tendo, no fundo, um princípio idêntico.”

Dizer que *é por uma instintiva e injustificada desconfiança em suas próprias forças que o homem é levado a colocar acima de si forças invisíveis, que se exercem numa esfera inacessível*, é reconhecer que o homem é *tudo*, que pode *tudo*, e que acima dele nada há. Salvo engano, isso não é apenas materialismo, mas ateísmo. Aliás, essas idéias ressaltam de uma porção de outras passagens de seu prefácio e de sua introdução, para as quais chamamos toda a atenção de nossos leitores e estamos convencidos de que estes as julgarão como nós. Dir-se-á que tais palavras não se aplicam à Divindade, mas aos *Espíritos*? Então responderemos que ele não conhece a primeira palavra do Espiritismo, pois negar os Espíritos é negar a alma, desde que Espíritos e almas são a única e mesma coisa; que os Espíritos não exercem sua força numa esfera *inacessível*, visto estarem de nosso lado, a nos tocar e a agir sobre a matéria inerte, à semelhança de todos os fluidos imponderáveis e invisíveis que, não obstante, são os mais poderosos motores e os mais ativos agentes

da Natureza. Só Deus exerce o seu poder numa esfera *inacessível* aos homens; negar este poder é, pois, negar a Deus. Dir-se-á, enfim, que esses efeitos, que atribuímos aos Espíritos, talvez sejam devidos a alguns desses fluidos? É possível. Mas, então lhe perguntaremos: como fluidos *ininteligentes* podem produzir efeitos *inteligentes*?

O Sr. Figuiet constata um fato capital ao dizer que *esse amor do maravilhoso não é particular à nossa época; está em todos os tempos e países, por se ligar à própria natureza do espírito humano*. Aquilo a que chama amor do maravilhoso é, muito simplesmente, a crença instintiva, *inata*, como o diz, na existência da alma e sua sobrevivência ao corpo, crença que revestiu formas diversas, segundo os tempos e os lugares, mas tendo no fundo um princípio idêntico. Esse sentimento inato, universal no homem, Deus lho teria inspirado para se divertir à sua custa? para lhe dar aspirações impossíveis de realizar? Crer que assim possa ser é negar a bondade de Deus; mais ainda: é negar o próprio Deus.

Querem outras provas do que antecipamos? Vejamos ainda algumas passagens do seu prefácio:

“Na Idade Média, quando uma religião nova transforma a Europa, o maravilhoso se instala nessa mesma religião. Acredita-se nas possessões diabólicas, nos feiticeiros e nos magos. Durante vários séculos essa crença é sancionada por uma guerra sem quartel e sem misericórdia, feita aos infelizes, acusados de comércio secreto com os demônios, ou com os magos, seus prepostos.

“Pelo fim do século dezessete, na aurora de uma filosofia tolerante e esclarecida, o diabo envelheceu e a acusação de magia começa a ser um argumento gasto, mas nem por isto o maravilhoso perde os seus direitos. Os milagres florescem à vontade nas igrejas das diversas comunhões cristãs; acredita-se, ao

mesmo tempo, na varinha mágica ou se decifram os movimentos de uma forquilha para pesquisar os objetos do mundo físico e obter esclarecimentos sobre as coisas do mundo moral. Nas diversas ciências continua-se a admitir a intervenção de influências sobrenaturais, precedentemente introduzidas por Paracelso.

“No século dezoito, século de Voltaire e da Enciclopédia, enquanto sobre as matérias filosóficas todos os olhos se abriam às luzes do bom-senso e da razão – não obstante a voga da filosofia cartesiana – só o maravilhoso resistia à queda de tantas crenças até então veneradas. Os milagres ainda se multiplicavam.”

Se a filosofia de Voltaire, *que abriu os olhos à luz do bom-senso e da razão* e minou tantas superstições, não pôde extirpar a idéia *inata* de um poder oculto, não seria porque tal idéia é inatacável? A filosofia do século dezoito flagelou os abusos, mas se deteve contra a base. Se essa idéia triunfou sobre os golpes desferidos pelo apóstolo da incredulidade, o Sr. Figuiet espera ser mais feliz? Permitimo-nos duvidar.

O Sr. Figuiet faz uma confusão singular das crenças religiosas, dos milagres e da varinha mágica. Para ele, tudo isto sai da mesma fonte: a superstição, a crença no maravilhoso. Não tentaremos aqui defender essa pequena forquilha, que teria a singular propriedade de servir *à pesquisa do mundo físico*, em virtude de não nos havermos aprofundado na questão; por uma questão de princípios, só elogiamos ou criticamos o que *conhecemos*. Mas, se quiséssemos argumentar por analogia, perguntaríamos se a pequena agulha de aço, com a qual o navegante acha sua rota, não tem uma virtude muito mais admirável do que a pequena forquilha? Não, direis vós, porquanto conhecemos a causa que a faz agir e esta causa é inteiramente física. De acordo. Mas quem diz que a causa que age sobre a forquilha não seja inteiramente física? Antes que se conhecesse a teoria da bússola, que teríeis pensado se tivésseis vivido naquela época, quando os marinheiros não tinham como

guia senão as estrelas, que muitas vezes lhes faltavam? Que teríeis pensado, dizemos nós, de um homem que tivesse vindo dizer: Tenho aqui numa caixinha, não maior que a de bombons, uma agulha pequenina, com a qual os maiores navios podem navegar com segurança; que indica a rota com qualquer tempo, com a precisão de um relógio? Ainda uma vez, não combatemos a varinha mágica, e menos ainda o charlatanismo, que dela se apoderou; apenas perguntamos o que haveria de mais sobrenatural se um pequeno pedaço de madeira, em dadas circunstâncias, fosse agitado por um eflúvio terrestre invisível, como a agulha imantada o é pela corrente magnética que também não se vê? Será que essa agulha *também não serve para pesquisar as coisas do mundo físico*? Não será ela influenciada pela presença de uma mina de ferro subterrânea? O maravilhoso é a idéia fixa do Sr. Figuier; é o seu pesadelo; ele o vê por toda parte onde haja algo que não compreende. Mas apenas ele, sábio, poderá dizer como germina e se reproduz o menor grão? Qual a força que faz a flor voltar-se para a luz? Quem, na terra, atrai as raízes para um terreno propício, mesmo através dos mais rudes obstáculos? Estranha aberração do espírito humano, que pensa tudo saber e nada sabe; que despreza maravilhas incontáveis e nega um poder sobre-humano!

Estando baseada na existência de Deus, esse poder sobre-humano que se exerce numa esfera inacessível; sobre a alma, que sobrevive ao corpo, conservando a sua individualidade e, conseqüentemente sua ação, a religião tem por princípio aquilo que o Sr. Figuier chama de maravilhoso. Se ele se tivesse limitado a dizer que entre os fatos qualificados de maravilhoso uns são ridículos e absurdos, aos quais a razão faz justiça, nós o aplaudiríamos com todas a nossas forças; mas não poderíamos concordar com a sua opinião, quando confunde na mesma reprovação o princípio e o abuso do princípio; quando nega a existência de qualquer poder acima da Humanidade. Aliás, essa conclusão é formulada de maneira inequívoca na passagem seguinte:

“Dessas discussões, cremos que resultará para o leitor a perfeita convicção da *não-existência de agentes sobrenaturais* e a certeza de que todos os prodígios, que em diversas épocas têm excitado a surpresa ou a admiração dos homens, se explicam *apenas pelo conhecimento de nossa organização fisiológica*. A *negação* do maravilhoso, eis a conclusão a tirar deste livro, que poderia chamar-se *o maravilhoso explicado*. E se alcançarmos o objetivo a que nos propusemos atingir, teremos a convicção de ter prestado um verdadeiro serviço ao bem de todos.”

Dar a conhecer os abusos, desmascarar a fraude e a hipocrisia onde quer que se encontrem, é, sem dúvida, prestar um grande serviço. Mas julgamos que é fazer grande mal à sociedade, assim como aos indivíduos, atacar o princípio em virtude de terem dele abusado; é querer cortar a boa árvore, porque deu um fruto estragado. Bem compreendido, o Espiritismo, dando a conhecer a causa de certos fenômenos, mostra o que é possível e o que não o é. Por isto mesmo, tende a destruir as idéias realmente supersticiosas; mas, ao mesmo tempo, demonstrando o princípio, dá um objetivo ao bem; fortalece as crenças fundamentais que a incredulidade ataca com violência a pretexto do abuso; combate a chaga do materialismo, que é a negação do dever, da moral e de toda esperança, e é por isto que dizemos que um dia ele será a salvaguarda da sociedade.

Aliás, estamos longe de nos lamentar pela obra do Sr. Figuiet. Sobre os adeptos da doutrina ela não poderá ter nenhuma influência, pois eles reconhecerão imediatamente os pontos vulneráveis. Sobre os outros, terá o efeito de todas as críticas: o de provocar a curiosidade. Depois da aparição, ou melhor, da reaparição do Espiritismo, muito se tem escrito contra ele. Não lhe pouparam sarcasmos, nem injúrias. Apenas de uma coisa ele não teve a honra, graças aos costumes do tempo: a fogueira. Isto o impediu de progredir? Absolutamente, pois hoje conta seus aderentes por *milhões* em todas as partes do mundo e estes todos os

dias aumentam. Para isto, e sem o querer, muito contribuiu a crítica, porque, como dissemos, seu efeito é o de provocar o exame. Querem ver o pró e o contra e ficam admirados por encontrarem uma doutrina racional, lógica, consoladora, que acalma as angústias da dúvida, resolvendo o que nenhuma filosofia pôde resolver, quando pensavam apenas encontrar uma crença ridícula. Quanto mais conhecido o nome do contraditor, mais repercussão tem a sua crítica e mais bem ela pode fazer, chamando a atenção dos indiferentes. A esse respeito, a obra do Sr. Figuier está nas melhores condições: além de escrita de maneira muito séria, não se arrasta na lama das injúrias grosseiras e do personalismo, únicos argumentos dos críticos de baixo nível. Desde que pretende tratar o assunto do ponto de vista científico, e sua posição lho permite, ver-se-á nisso a última palavra da Ciência contra esta doutrina e então o público saberá a quantas se anda. Se a douta obra do Sr. Figuier não tiver o poder de lhe dar o golpe de misericórdia, duvidamos que outros sejam mais felizes. Para combatê-la com eficácia, ele só tem um meio, que lhe indicamos com prazer. Não se destrói uma árvore cortando-lhe os galhos, mas a raiz. É necessário, pois, atacar o Espiritismo pela raiz, e não nos ramos, que renascem à medida que são cortados. Ora, as raízes do Espiritismo, desta *alucinação* do século dezenove, para nos servirmos de sua expressão, são a alma e os seus atributos. Que, pois, ele prove que a alma não existe e não pode existir, porquanto sem *almas* não há mais *Espíritos*. Quando tiver provado isto, o Espiritismo não terá mais razão de ser e nós nos confessaremos vencidos. Se o seu cepticismo não chega até esse ponto, que prove, não por uma simples negação, mas por uma demonstração matemática, física, química, mecânica, fisiológica ou qualquer outra:

1^o Que o ser que pensa em vida é incapaz de pensar após a morte;

2^o Que, se pensa, não deve mais querer comunicar-se com aqueles a quem amou;

3º Que, se pode estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado;

4º Que, se está ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco;

5º Que, por seu envoltório fluídico, não pode agir sobre a matéria inerte;

6º Que, se pode agir sobre a matéria inerte, não pode agir sobre um ser animado;

7º Que, se pode agir sobre um ser animado, não pode dirigir-lhe a mão para fazê-lo escrever;

8º Que, podendo fazê-lo escrever, não pode responder às suas perguntas e lhe transmitir o pensamento.

Quando os adversários do Espiritismo nos tiverem demonstrado que isso é impossível, através de razões tão patentes quanto aquelas pelas quais Galileu demonstrou que não é o Sol que gira em torno da Terra, então poderemos dizer que suas dúvidas são fundadas. Infelizmente, até este dia, toda a sua argumentação se reduz nestas palavras: *Não creio; logo é impossível*. Sem dúvida dirão que a nós cabe provar a realidade das manifestações; nós as provamos pelos fatos e pelo raciocínio; se não admitem nem uns, nem o outro, se negam o que vêem, a eles cabe provar que nosso raciocínio é falso e que os fatos são impossíveis.

Em outro artigo examinaremos a teoria do Sr. Figuier. Fazemos votos para que seja de melhor qualidade que a teoria do músculo estalante de Jobert (de Lamballe).

Correspondência

Ao Sr. Presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Sr. Presidente,

Permiti-me alguns esclarecimentos a propósito de Thilorier e suas descobertas (ver a *Revista* de agosto de 1860). Thilorier era meu amigo; quando me mostrou o plano de seu aparelho em ferro fundido, para liquefazer o gás ácido carbônico, eu lhe havia dito que, malgrado a espessura das paredes, ele explodiria como os canhões, após certo número de experiências; por isso aconselhei-o a envolvê-lo em ferro batido, como se faz hoje com os canhões de ferro fundido, mas ele se limitou a adicionar nervuras.

Jamais um aparelho desse gênero estourou em suas mãos, pois teria sido morto como o jovem Frémy; mas a comissão da Academia se mantinha prudentemente atrás da parede quando ele preparava tranqüilamente a sua experiência. Já estava surdo há vários anos, o que o forçara a demitir-se do cargo de inspetor dos correios. A única explosão que o vitimou foi a da coronha de um fuzil de ar, cheio de ácido carbônico, que ele havia posto ao sol, sobre a grama do jardim.

Essa experiência que eu lhe havia sugerido, bem como ao Sr. Galy Cazala, fez-lhe ver a que alta pressão poderia elevar-se o gás ácido carbônico, e o perigo de seu emprego nas armas de guerra. Quanto a Galy, teve a idéia de substituir o hidrogênio pelo ácido carbônico, mas este jamais conseguiu ultrapassar 28 atmosferas. Era muito pouco. Sem isso a pólvora teria sido utilmente suprimida, porque seu mecanismo era dos mais simples e um pequeno cilindro de cobre poderia conter facilmente cem tiros, na medida das necessidades, em consequência do restabelecimento quase instantâneo da pressão, pela decomposição da água, por meio do ácido sulfúrico e da limalha de zinco. Se os nossos químicos encontrassem um gás que pudesse ser produzido sob uma pressão média entre a do ácido carbônico e do hidrogênio, o problema estaria resolvido. *Eis o que seria bom perguntar a Lavoisier, Berzélius ou Dalton.*

Na véspera de sua morte, Thilorier me dava explicações sobre um novo aparelho, quase terminado, a fim de liquefazer o ar atmosférico por meio de pressões sucessivas, capazes de suportar de 500 a 1.000 atmosferas. Terão vendido esta bela máquina ao ferro velho?

Disse eu que Thilorier era extremamente surdo, de sorte que entrando em seu gabinete na Place Vendôme, semanas antes de sua morte, tive de gritar. Ele tapou os ouvidos com as duas mãos, dizendo que eu lhe restituiria a surdez de que felizmente se havia livrado pelo magnetizador Lafontaine, hoje em Genebra. Saí maravilhado pela cura, que na mesma tarde anunciei aos meus dois amigos Galy Cazala e o Capitão Delvigne, com os quais passeava na Place de la Bourse, quando percebemos Thilorier com o ouvido colado à vitrine de uma loja, onde alguém tocava piano. Parecia em êxtase, por poder desfrutar da música moderna, que há muitos anos não ouvia. Ah! por Deus! disse aos meus dois incrédulos, eis a prova; passai por detrás do nosso homem e pronunciai o seu nome normalmente. Thilorier voltou-se bruscamente, reconheceu os amigos, com eles conversou e passeou, como de ordinário o fazia. Delvigne, que no momento está em meu escritório, lembra-se perfeitamente desse fato, muito interessante para o magnetismo. Por mais que eu tenha tentado convencer nossos acadêmicos no curso dos últimos trinta dias, dizia Thilorier, eles não querem acreditar que eu tenha sido curado sem as drogas de sua farmacopéia, que não curam, pois as empreguei todas sem sucesso, ao passo que os dois dedos de Lafontaine me restabeleceram a audição completamente, em algumas sessões. Lembro-me de que, encantado pelo magnetismo, Thilorier tinha conseguido inverter os pólos de uma barra imantada, que segurava pelo simples esforço da vontade.

A morte desse sábio inventor privou-nos de uma porção de descobertas de que me havia falado e que ele levou para o túmulo. Era tão sagaz quanto este bom Darcet, que eu também tinha visto cheio de saúde na véspera de sua morte, e que me havia

mostrado seus livros, malconservados e manchados, e dizendo estar certo de que me daria mais prazer apresentando-os naquele estado do que bem encadernados e com lombada dourada numa biblioteca. É singular, dizia-me ele, quanto nossas idéias se assemelham, embora não tenhamos sido educados na mesma escola. Depois me contou do pesar que havia sentido por ter sido tão criticado a propósito de sua gelatina nutritiva, e que teria feito melhor, dizia, se a tivesse vendido ao preço de um centavo a libra aos pobres da Pont Neuf, do que a apresentando aos acadêmicos, que pagam 15 francos nas casas de comestíveis e ainda pretendem que ela não alimenta. Evocai, pois, esse bravo tecnologista.

Arago nos ensina que as pretensas manchas do Sol não passam de fragmentos de planetas que vêm enriquecer-se no foco de eletricidade com os fluidos que lhes faltam, para se constituírem num cometa que começará o seu curso dentro de um século. Esses fragmentos, grandes como a Europa, estão a mais de 500.000 léguas do Sol; e, chegados ao limite extremo de sua atração, quando a Terra tiver descrito cerca de um quarto de seu percurso sobre a eclíptica, isto é, cerca de três meses (estamos a 6 de julho), esses fragmentos, inseparáveis de sua constelação, terão desaparecido aos nossos olhos.

A Academia ocupa-se de nossa memória sobre a catalepsia, que errastes ao lançá-la à cesta das excomunhões. Não importa; a isto voltareis.

Aceitai, etc.

Jobard

Observação – Agradecemos ao Sr. Jobard os interessantes detalhes que ele houve por bem nos enviar sobre Thilorier, e que são tanto mais preciosos quanto autênticos. Gostase sempre de saber a verdade sobre os homens que se destacaram na vida.

O Sr. Jobard engana-se ao pensar que pusemos na cesta do esquecimento a notícia que o Sr. B... nos enviou sobre a catalepsia. Inicialmente, ela foi lida na Sociedade, como consta nas atas de 4 e 11 de maio, publicadas na *Revista* de junho de 1860; o original, em vez de ser posto de lado, está cuidadosamente conservado nos arquivos da Sociedade. Não publicamos esse volumoso documento porque, em primeiro lugar, se tivéssemos de publicar tudo quanto nos mandam, talvez nos fossem necessários dez volumes por ano; e, em segundo lugar, porque cada coisa deve vir a seu tempo. Mas, pelo fato de uma coisa não ter sido publicada, nem por isso deve ser considerada perdida. Nada é perdido daquilo que nos comunicam, seja a nós, seja à Sociedade, e nós o encontramos sempre, para aproveitar no momento oportuno. Eis o de que se devem persuadir as pessoas que desejam enviar-nos documentos. Muitas vezes nos falta o tempo material para lhes responder tão prontamente e tão extensamente quanto, sem dúvida, conviria fazê-lo. Como, porém, responder em detalhes a milhares de cartas por ano, quando se é obrigado a fazer tudo pessoalmente e não se tem um secretário para ajudar? Certamente o dia não bastaria para tudo quanto temos de fazer, se não lhe consagrássemos uma parte de nossas noites.

Dito isto, como justificação pessoal, acrescentaremos a respeito da teoria da formação da Terra, contida na memória citada, bem como do estado cataléptico dos seres vivos em sua origem, que a Sociedade foi aconselhada a esperar, antes de prosseguir tais estudos, a fim de que lhe sejam apresentados documentos mais autênticos. “É preciso desconfiar – disseram os seus guias espirituais – das idéias sistemáticas dos Espíritos, tanto quanto dos homens, e não as aceitar levemente e sem controle, se não nos quisermos expor, mais tarde, a ver desmentido o que tivermos aceito com muita precipitação. É por nos interessarmos pelos vossos trabalhos que queremos vos manter em guarda contra um escolho onde se chocam tantas imaginações ardentes, seduzidas por aparências enganadoras. Lembrai-vos de que somente numa

coisa jamais sereis enganados: é naquilo que diz respeito ao melhoramento moral dos homens; aí está a verdadeira missão dos Espíritos bons. Mas não penseis que eles tenham o poder de vos descobrir qual é o segredo de Deus; sobretudo não acrediteis que eles estejam encarregados de vos facilitar o áspero caminho da Ciência, uma vez que esta não é adquirida senão à custa de trabalho e pesquisas assíduas. Quando chegar o momento de revelar uma descoberta útil à Humanidade, procuraremos o homem capaz de conduzi-la a bom termo; inspirar-lhe-emos a idéia de se ocupar com ela e lhe deixamos todo o mérito. Mas, onde estaria o trabalho e o mérito, se lhe bastasse pedir aos Espíritos o meio de adquirir, sem esforço, ciência, honras e riquezas? Sede, pois, prudentes, e não enveredeis por um caminho onde só teríeis decepções e que em nada contribuiria para o vosso adiantamento. Os que nele se deixarem arrastar reconhecerão, um dia, quanto estavam enganados, e lamentarão por não haverem empregado melhor o tempo.”

Tal é o resumo das instruções que tantas vezes os Espíritos têm dado, a nós e à Sociedade. Por experiência, chegamos, mesmo, a lhes reconhecer a sabedoria. Eis por que as comunicações relativas às pesquisas científicas só têm para nós uma importância secundária. Não as repelimos; acolhemos tudo quanto nos é transmitido, porque em tudo há alguma coisa a aprender; mas não o aceitamos senão sob a condição de o verificar previamente, guardando-nos de lhe emprestar uma fé cega e irrefletida: observamos e esperamos. O Sr. Jobard, que é um homem positivo e de grande bom-senso, compreenderá melhor que ninguém que esta é a melhor maneira para nos preservarmos do perigo das utopias. Certamente não seremos nós os acusados de querer ficar na retaguarda, mas queremos evitar pisar em falso e tudo quanto pudesse comprometer o crédito do Espiritismo, dando prematuramente como verdades incontestáveis o que é ainda hipotético.

Pensamos que estas observações serão igualmente apreciadas por outras pessoas que, por certo, compreenderão o inconveniente de antecipar o momento para certas publicações. A experiência lhes mostrará a necessidade de nem sempre levarem em consideração a impaciência de certos Espíritos. Os Espíritos verdadeiramente superiores – e não nos referimos aos que se dão por tais – são muito prudentes, virtude que constitui um dos caracteres pelos quais podemos reconhecê-los.

Dissertações Espíritas

Recebidas ou lidas na Sociedade por diversos médiuns

DEVANEIO

Vou contar-te uma história do outro mundo, onde me encontro. Imagina um céu azul, um mar calmo e verde, rochedos bizarramente talhados; nenhuma vegetação, a não ser os pálidos líquens agarrados às fendas das pedras. Eis a paisagem. Como simples romancista, não posso comprazer-me em te dar mais detalhes. Para povoar este mar, estes rochedos, só se achava um poeta, sentado, sonhando, refletindo em sua alma, como num espelho, a suave beleza da Natureza, que não falava menos ao coração do que aos olhos. Este poeta, este sonhador, era eu. Onde? Quando se passa a minha história? Que importa!

Assim eu escutava, olhava, comovido e trespassado pelo encanto impenetrável da grande solidão. De repente vi surgir uma mulher, de pé, no penacho do rochedo. Era alta, morena e pálida. Os longos cabelos negros flutuavam sobre o vestido branco. Olhava direto em frente, com estranha firmeza. Eu me havia levantado, extasiado de admiração, porque aquela mulher, florescendo de repente no rochedo, parecia o próprio devaneio, o divino devaneio, que tantas vezes eu havia evocado com singular enlevo. Aproximei-me. Sem se mover, estendeu o braço nu e

soberbo para o mar e, como que inspirada, cantou com voz suave e lamentosa. Eu a ouvia, assaltado por uma tristeza mortal, e repetia mentalmente as estrofes que deslizavam de seus lábios, como de uma fonte viva. Então ela se voltou para mim e fui como que envolvido pela sombra de suas alvas vestes.

– Amigo, disse ela, escuta-me. Menos profundo é o mar de ondas inconstantes, menos implacáveis são os rochedos do que o amor, o cruel amor que dilacera um coração de poeta. Não escutes a sua voz, que se apodera de todas as seduções da onda, do ar, do sol, para estreitar, penetrar e queimar sua alma, que treme e deseja sofrer o mal do amor. Assim falava. Eu a ouvia e sentia o coração fundir-se numa divina ebriedade. Desejaria aniquilar-me no hálito puro que emanava de sua boca.

– Não, continuou ela; amigo, não lutes contra o gênio que te domina. Deixa-te levar em suas ardentes asas pelas esferas radiosas. Esquece, esquece a paixão que te fará rastejar, a ti, águia destinada aos píncaros elevados. Escuta as vozes que te chamam aos celestes concertos. Alça o teu vôo, ave sublime; o gênio é solitário. Marcado pelo selo divino, não podes tornar-te escravo de uma mulher.

Ela falava, a sombra avançava e o mar, de verde que era, tornara-se negro; o céu se vestia de trevas e os rochedos se perfilavam, sinistros. Mais radiosa ainda, parecia coroar-se de estrelas, que acendiam suas luzes cintilantes, enquanto sua túnica, alva como a espuma que açoitava a praia, desdobrava-se em pregas imensas.

– Não me deixes, disse-lhe eu finalmente. Leva-me em teus braços; deixa que teus negros cabelos sirvam de laço para me reterem cativo; deixa-me viver em tua luz ou morrer à tua sombra.

– Vem, então, retomou ela com voz clara, embora parecesse distante. Vem, já que preferes o devaneio, que entorpece

o gênio, ao gênio, que esclarece os homens. Vem; não te deixarei mais; e feridos pelo golpe mortal, seguiremos enlaçados, como o grupo de Dante. Não temas que te abandone, ó meu poeta! O devaneio te consagra para a desgraça e para o desdém dos homens, que só bendirão teus cantos quando não mais se sentirem irritados ante o esplendor de teu gênio.

Então senti que poderoso abraço me levantava do solo. Nada mais vi, a não ser as níveas vestes a me envolverem como uma auréola. E fui arrebatado pelo poder do devaneio, que me separava para sempre dos homens.

Alfred de Musset

SOBRE OS TRABALHOS DA SOCIEDADE

Falarei da necessidade de ser observada maior regularidade nas vossas sessões, isto é, de evitar-se toda confusão, toda divergência de idéias. A divergência favorece a substituição dos Espíritos bons pelos maus e, quase sempre, são estes que primeiro se apoderam das perguntas feitas. Por outro lado, numa reunião composta de elementos diversos, e desconhecidos uns dos outros, como evitar as idéias contraditórias, as distrações, ou, pior ainda, uma vaga e zombeteira indiferença? Eu gostaria de encontrar um meio eficaz e certo para isso. Talvez esteja na concentração dos fluidos espalhados em redor dos médiuns. Somente eles, sobretudo os que são amados, retêm os Espíritos bons na sessão. Sua influência é suficiente para dissipar a turba dos Espíritos brincalhões. O trabalho de exame das comunicações é excelente. Não seria demais que se aprofundassem as perguntas e, principalmente, as respostas. O erro é fácil, mesmo para os Espíritos animados das melhores intenções. A lentidão da escrita, durante a qual o Espírito se desvia do assunto, que esgota tão logo o concebe; a imobilidade e a indiferença por certas formas convencionais, todas essas razões e muitas outras vos devem levar

apenas a uma confiança limitada, e sempre subordinada ao exame, mesmo quando se trata das mais autênticas comunicações.

Dito isto, que Deus tome sob a sua santa guarda todos os verdadeiros espíritos.

Georges (Espírito familiar)

Allan Kardec